

A MEDIDA DO MARAVILHAMENTO [DIÁRIO DE VIAGEM]

ALINA D'ALVA DUCHROW

Rabat—Marrocos, março de 2025

Alina Duchrow nasceu em Fortaleza- CE – Brasil, vive e trabalha em Rabat, Marrocos. Arquiteta e artista visual, fez Pós-graduação em artes visuais pela Universidade Alanus Hochschule, Bonn, Alemanha. Graduada em Arquitetura e Planejamento Urbano pela Universidade de São Paulo, Brasil. Doutora em artes visuais pela Universidade de Brasília- Brasil. Participou de residências artísticas e exposições coletivas e individuais em vários países entre a Europa, África e América Latina. O ponto de partida do seu trabalho artístico centra-se num contexto local, de onde irá emergir a questão que a artista tentará responder. A disponibilidade para fazer-com aquilo que a situação apresenta e sem ideias a priori, permite que o trabalho emergja como consequência e faz dele um instigante processo de busca de relação com a alteridade e de tentativa de organizar esses novos mundos que se criam a partir do encontro. A artista se coloca na posição de uma investigadora atenta que registra os relatos do tempo e do espaço e os reconstrói através de uma montagem poética, que pode tomar forma em mídias variadas, desde o vídeo, ao desenho, objetos ou instalações multimídia.

A medida do maravilhamento é um diário de viagem. O registro de um processo de “cartografia sensível”, realizado na associação Tassarout, situada no coração da antiga medina de Rabat, Marrocos, no Fondouk Ben Aicha, um antigo Caravanserai¹. Durante dez dias convivi diariamente com os artesãos que trabalham, já há algumas gerações, o couro, a rafia, a madeira e o metal. O diário é um conjunto de anotações, imagens, Fotografias, objetos, mapas, escritos, trajetos e desenhos que compõe essa experiência, a do cotidiano vivido sob a tensão do inesperado, da diferença, do não coincidente, do estrangeiro. A anotação se dá desde o primeiro contato com a materialidade do lugar, em campo, como também nas sensações e questionamentos da artista sobre o seu processo. Uma experiência fragmentada em procedimentos, espaços, tempo e registros, que não culminam necessariamente em uma síntese. A obra como complexidade, cuja ocorrência se dá plenamente através da emergência de suas partes.

diário,
deriva,
desenho,
nômade,
estrangeiro.

1 “Caravançarai” significa literalmente em persa “palácio de caravanas”. O termo designava um estabelecimento de tipo hoteleiro que se encontrava sobretudo no Médio Oriente, Ásia Central e Norte de África, mas que também existiu por todo o Mediterrâneo e que se destinava a mercadores viajantes. Tinham uma função importante no apoio aos fluxos comerciais, proporcionando um local seguro onde os comerciantes em viagem, frequentemente estrangeiros, podiam descansar tendo as suas mercadorias e gado em segurança. No Magrebe designavam-se funduq, funduque ou fondouk.



FIGURA 1.
ATELIÉ DE COBRE DE NOUREDINE.
FOTOGRAFIA DE SEMMADA ARRAES

A Medida do maravilhamento

Avaliar, medir, contar são operações necessárias para a tradução das maravilhas do mundo. Nos países distantes, não pode deixar de haver maravilhas e curiosidades, enorme beleza e excessiva raridade, é isso o que constitui o *thôma* segundo Heródoto, uma maneira de transcrever a diferença entre aqui e além. O *thôma* está ligado ao olho do viajante – eu vi com meus próprios olhos e esse olho encontra-se aí como garantia. É o viajante que se torna a medida: é com relação a mim – e não com relação aos deuses – que algo se entende como *thôma*. Sou eu que estimo que tal paisagem ou tal construção é “admirável” ou “extraordinária”. Na medida em que repousa no olho-medida do viajante o *thôma* é um procedimento para fazer-creer, desenvolvido pela narrativa de viagem. Tradução da diferença entre aquém e além, o *thôma* produz um efeito de realidade, como se dissesse: eu sou o real do outro².

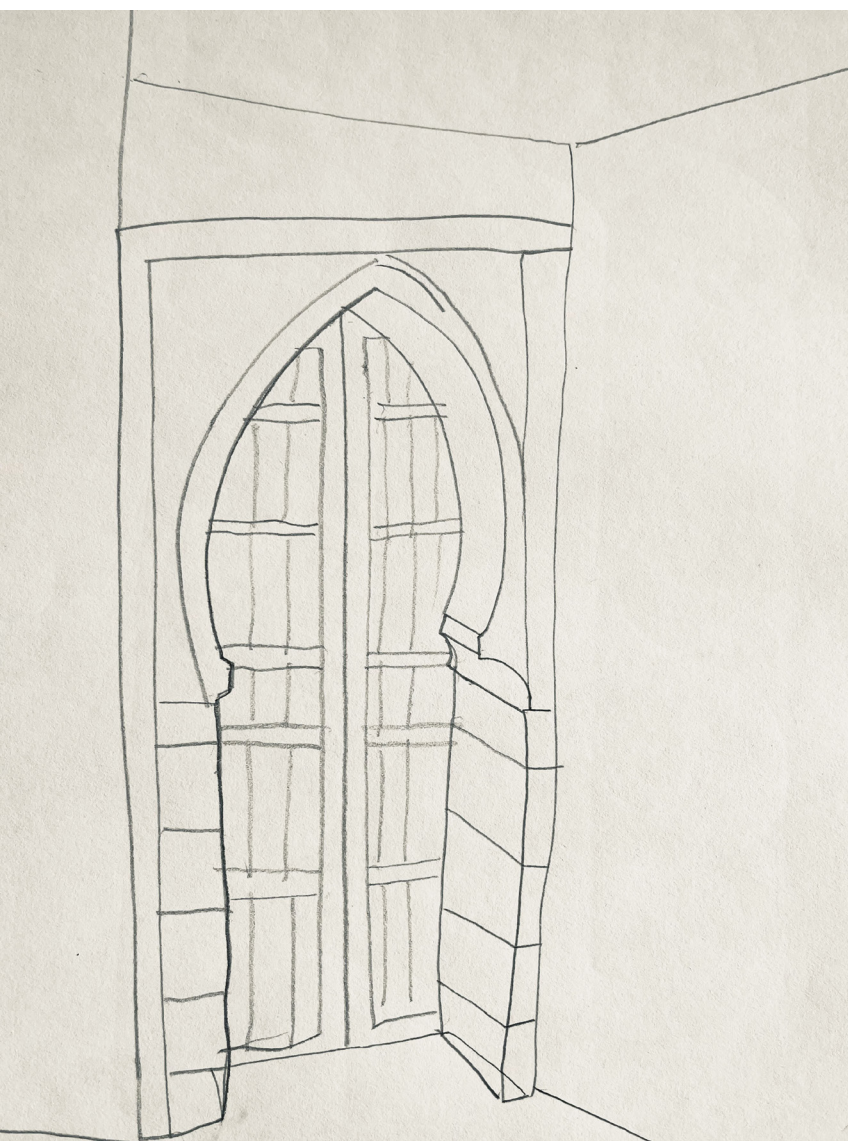


FIGURA 2.
DESENHO DA PORTA DO ATELIÊ TASSAROUT
VISTA POR DENTRO. GRAFITE SOBRE PAPEL.
ALINA DUCHROW

2 HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. p. 267

El Haiad - vida

Há cinco anos vivo em Rabat, no Marrocos. Ainda meus olhos não se desencantaram e meus ouvidos escutam, na palavra falada nas ruas, arranjos melódicos ao invés de mensagens claras. Então flutuo, como nas linhas do que desenho, que percorrem o espaço, como para evitar o tropeço que vem da vertigem. É aqui o lugar do maravilhamento? Salama-leicum. Smitic em tia? Munpki tcha unê? Briti Kahuá?

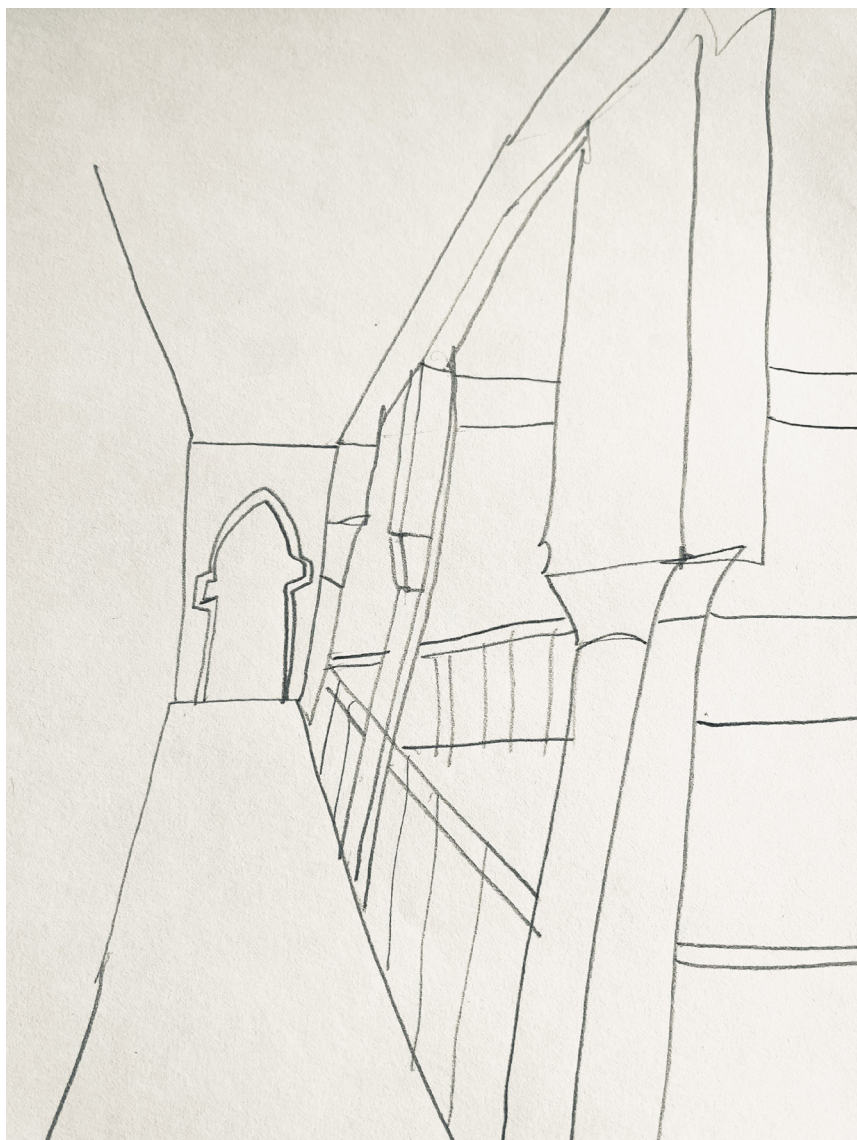


FIGURA 3.
VISTA DO CORREDOR A PARTIR DA PORTA DO
ATELIÊ. GRAFITE SOBRE PAPEL.
ALINA DUCHROW

Chtá - chuva

Aceitei o risco. Há sempre uma opção. Foi um convite. Para fazer o quê? Ocupar o espaço da associação Tassarout, no Fondouk Ben Aicha e traduzir poeticamente a experiência. Para mim foi reservada uma sala-ateliê de 8 m² com uma mesa no andar de cima do Fondouk, ao lado de outras salas ocupadas pelos artesãos do couro, da rafia, da madeira e do cobre.

Era o mês sagrado do Ramadã. Chovia como há muitos anos não chove no Marrocos. O cheiro do couro se espalhava pelo espaço. O barulho da chuva e do martelar constante das ferramentas marcando o couro. As conversas que eu não podia decifrar.

Nezha é a artista que criou a associação Tassarout. Ela me disse que sua mãe está muito feliz porque plantou o grão de bico e a chuva chegou a tempo para garantir a colheita. Nezha é franco-marroquina. A mãe e a avó vivem da terra. Elas plantam sementes que crescem. Aqui eu não tenho terra, nem língua.



FIGURA 4.
VISTA DA LARANJEIRA NO PÁTIO DO ANDAR
TÉRREO DO FONDOUK. GRAFITE SOBRE PAPEL.
ALINA DUCHROW.

Corpo

Fui apresentada aos artesãos. Uma artista brasileira. Estrangeira, mas não europeia, com traços que até parecem marroquinos. Fala francês, mas não compreende a língua local, o Darija. Os artesãos, a grande maioria, não falam o francês.

O que me sobra sem a palavra que informa e comunica?

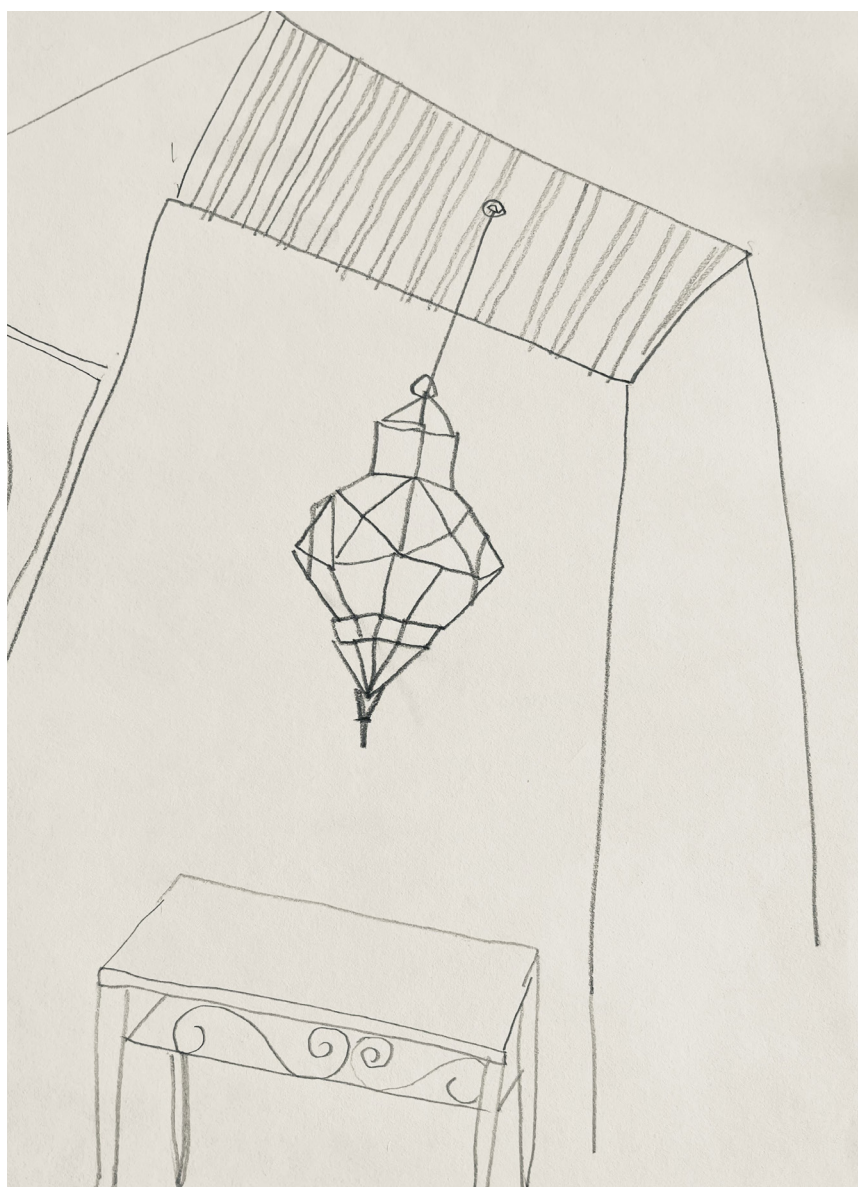
O olhar. O gesto. A presença.

O corpo na experiência do vazio. O tempo se amplia até criar o oco. Um lapso que dá medo e dói. Os olhos experimentam uma estranheza que faz balançar tudo aquilo em que aprendi a me agarrar.

linhas

A linguagem do desenho foi, a princípio, a minha tática para lidar com o desconhecido. A falta da fala. Tatear o espaço com o lápis na mão. Percorrer corredores, objetos, plantas, o grande vazio entre as coisas. Habitar o lugar, sustentar no tempo, criar relações, fazê-lo “falar”.

FIGURA 5.
VISTA INTERNA DO ATELIÊ. GRAFITE SOBRE
PAPEL.
ALINA DUCHROW



Insistência

No final do corredor, à esquerda fica o ateliê de Jamel e Nourredin, dois irmãos que produzem bolsas de couro decoradas com padrões geométricos. Dezenas delas todos os dias. Recebem 10 dihans por bolsa, o equivalente a um real. Entro e peço para tirar uma foto. Eles não querem foto. Aponto meu caderno de desenho e pergunto se posso sentar a um canto e fazer um desenho. Sim. Então eu fico, sustento minha presença entre eles, meus olhos percorrendo o corpo de Nourredine no espaço e o lápis percorrendo o papel. O irmão olha o desenho, ri e faz um sinal positivo com a mão. Nos outros dias eles me cumprimentavam com simpatia e me deixaram até tirar uma foto do ateliê.



FIGURA 6.
DESENHO DE NOURREDINE EM SEU ATELIÊ.
GRAFITE SOBRE PAPEL.
ALINA DUCHROW

Habibi – o Amado

Continuando pelo corredor, perto da escada, fica Habibi. Ele faz puffes de couro decorados com arabescos. Ele me explica o processo em darija. Me mostra o couro, os carimbos metálicos que são colocados na prensa sobre o couro molhado para imprimir os padrões. Me mostra seus braços musculosos e diz que tem 76 anos. Tudo isso eu entendo sem conhecer a sua língua. Mas recebo o afeto, o sorriso e faço um desenho de Habibi no seu ateliê.

Ao lado do ateliê de Habibi fica Mustafá. Ele não quis conversa. Falava um pouco de francês. Disse que durante o ramadã ele fica nervoso e sem paciência. Eu não insisti.



FIGURA 7.
FOTOGRAFIA DE HABIB EM SEU ATELIÊ.
ALINA DUCHROW



FIGURA 8.
ATELIÊ DE HABIBI.
ALINA DUCHROW.

Prensa- batedor- Tesoura

No andar de baixo encontro Abdesalem que trabalha com o couro e Halid que é dono de um antiquário. Halid fala um pouco o francês e me ajuda na tradução. Me aproximo lentamente e peço para sentar e desenhar. Ainda existe desconforto na minha presença.

Peço para ver os objetos. A tesoura, a prensa, o batedor.

Tiro fotos e também desenho. Observo suas mãos e o movimento rítmico, quase automatizado que ele vem praticando por anos.

É o quarto dia.

No outro dia faço desenhos grandes e pesados no ateliê. Amplio objetos ordinários do cotidiano do artesão. O desenho aqui é estratégia de ocupação do espaço do ateliê, criação de um território. Entrego meu corpo a uma linguagem que me é familiar, um alívio da tensão do estranhamento. Agora tenho terra e língua.



FIGURA 9.
VISTA DO ATELIÊ. DESENHO DA PRENSA.
CARVÃO SOBRE TELA. 100CM X 120CM.
ALINA DUCHROW.



FIGURA 10.
VISTA DO ATELIÊ. DESENHO DA TESOURA.
CARVÃO SOBRE TELA. 100CM X 80CM.
ALINA DUCHROW.

Qual o produto?

Alguns passavam curiosos em frente ao ateliê. O que você vai fazer? Desenhar, Pintar? Bordar? O que vou representar? Mostrar? Dizer? Era já o sétimo dia. Na ânsia de uma resposta. Resolvi desenhar a planta do Fondouk. Medi o espaço com passos, contei o número de ateliês, as portas, as pilastras, as árvores. Alguns artesãos me ajudavam, corrigiram os erros e me pediram para ter uma cópia da planta com o nome deles escrito no espaço correspondente ao seu ateliê. Nesse dia, antes de voltar pra casa, o artesão que trabalhava com lâmpadas e que também se chamava Nourredine, olhou o desenho da planta baixa nas minhas mãos, me olhou nos olhos e disse: Você tem muita pressa.

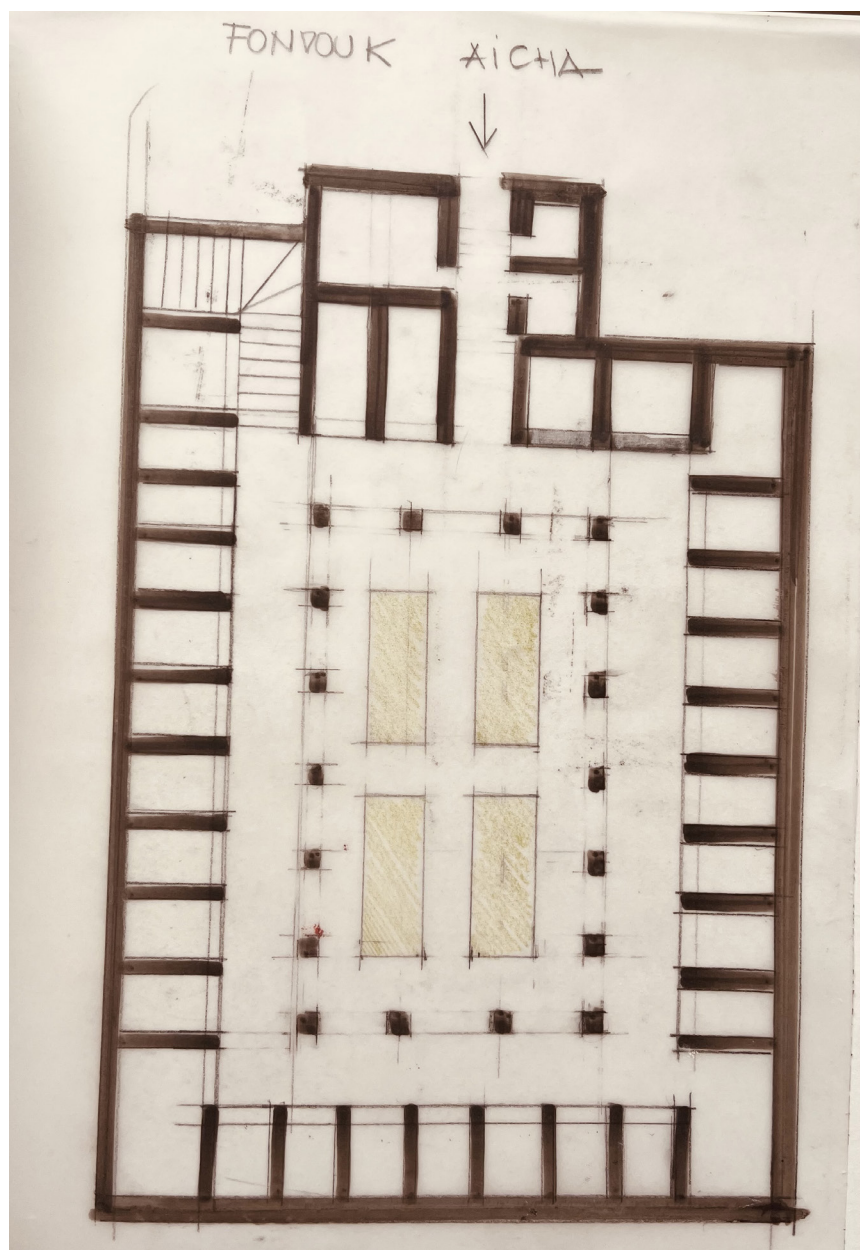


FIGURA 11.
PLANTA BAIXA DO FONDOUK AICHA. NANQUIM
SOBRE PAPEL.
ALINA DUCHROW.

Opacidade

A fala de Nourredine me fez passar a noite em claro. Larguei o lápis e o papel. A chuva continuava a cair incessante. O ateliê era frio e úmido. Insisti em permanecer como se fosse uma espécie de infiltração lenta nos muros do lugar, abrindo espaço. No oitavo dia, uma sexta-feira, eu retornei à Medina, encontrei Nourredine sentado em frente ao seu ateliê, ele me convidou para puxar um banco e me sentar ao seu lado. Ele falava sobre a vida, o amor e Alah.

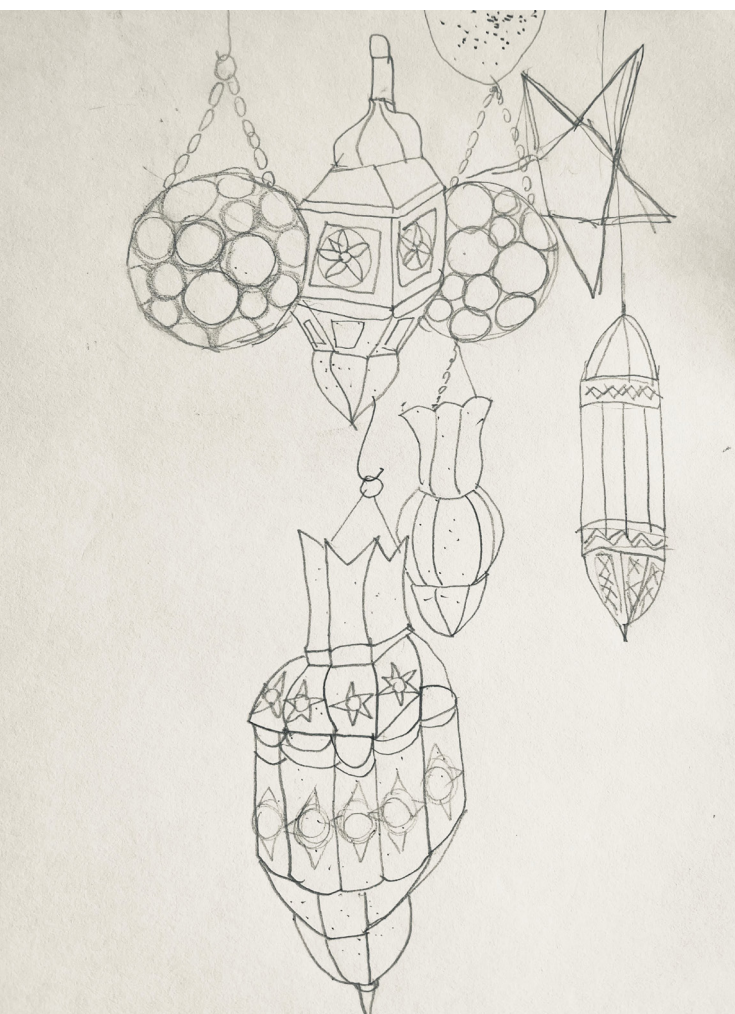


FIGURA 12.
DESENHO NO ATELÊ DE NOURREDINE.
ALINA DUCHROW.



FIGURA 13.
DESENHO NO ATELÊ DE NOURREDINE.
ALINA DUCHROW.

Buchra- aulas de Darija

“Salamaleicum abre todas as portas”, me disse Buchra, uma das artesãs. “Nunca comprimente com Bonjour”. Buchra perguntou se eu poderia fazer um desenho dela no seu ateliê, ela disse que me pagaria. Eu disse que faria o desenho e em troca ela me ensinaria algumas expressões em Darija. Ela disse que não é fácil ser mulher artesã no Fondouk.



FIGURA 14.
DESENHO DAS MÃOS DE BUCHRA FAZENDO
TRICOT.
ALINA DUCHROW.

O fim e o começo

Abdesatef, Abdesalem, Mohamed, Nourredine, Jamal, Habibi, Halid, Buchra, Leila, Salma, Mustafa, Rachid... Nesse dia, que seria o último dia da experiência, me sinto em casa. Ofereço o desenho à Habibi que em troca me dá uma pequena porta de madeira trabalhada com o couro. E também presenteio Abdesalem com o desenho da sua tesoura. Ele fica emocionado e eu compreendo, através dos seus gestos, que ele vai arrumar seu ateliê antes de por o desenho na parede.

Me despeço de todos prometendo voltar em breve...

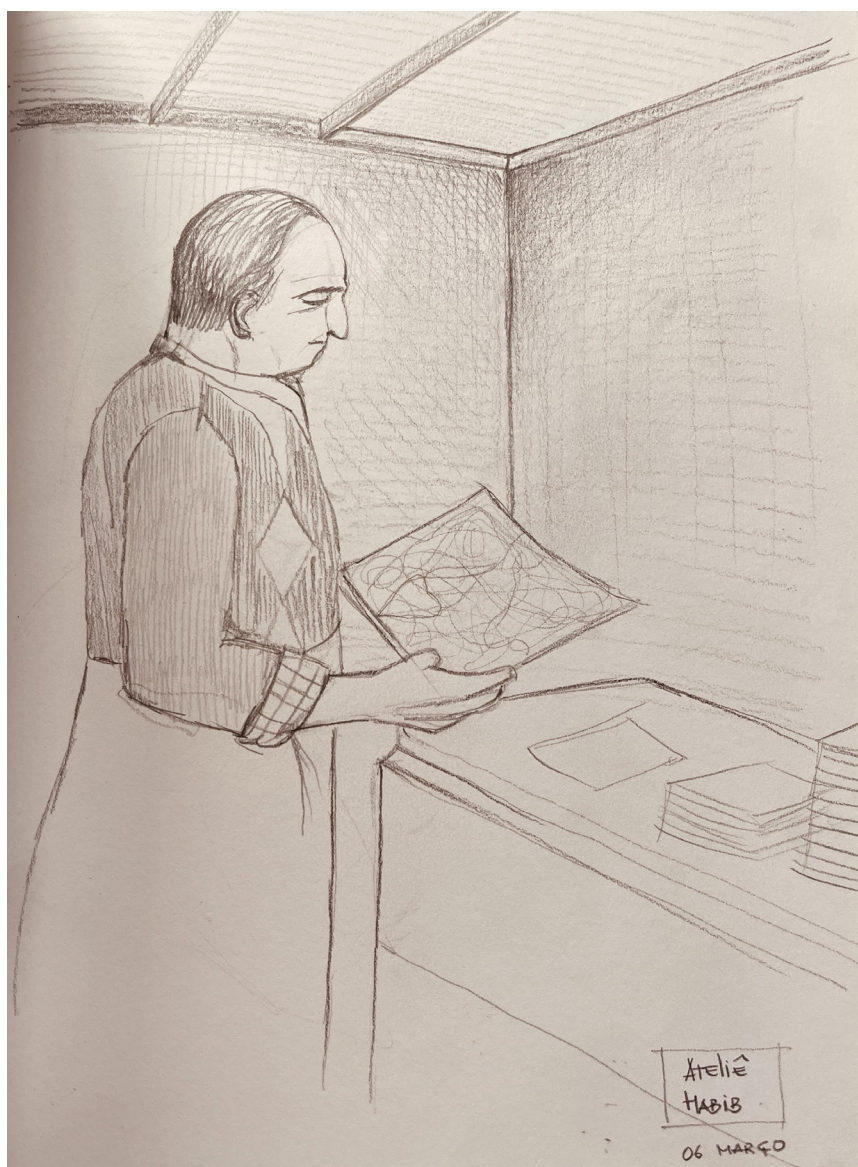


FIGURA 15.
DESENHO DE HABIBI EM SEU ATELIÊ.
ALINA DUCHROW.



FIGURA 16.
PRESENTE DE HABIBI. PORTA TRABALHADA EM
COURO COM IMPRESSÃO.



FIGURA 17.
ABDESSALEM EM SEU ATELIÊ.

Vínculo ancestral

Durantes esses dias que residi em Tassarout o sertão do Ceará estava sempre presente. No cheiro do couro, nos arabescos das bolsas, nas sandálias. Mostrei aos artesãos do Fondouk um livro com imagens do artesanato de couro do vaqueiro do nordeste e levei mesmo um chapéu de couro do sertão. O que na realidade eu queria mostrar? Buscar uma ligação? Um pertencimento? Criar vínculos de um parentesco longínquo? O sertão é na verdade, a reprodução de uma cultura muito árabe, onde o judeu que lá chegou era *sefaradi*. Encontro nessas similaridades o espelho onde interrogo-me sobre a minha própria identidade.

Para Hartog, dizer o outro é enunciá-lo como diferente em comparação com o mesmo. A comparação estabelece semelhanças e diferenças entre “além” e “aquém”, entre dois termos, a e b, onde a não é b. Uma retórica da alteridade é, no fundo, uma operação de tradução: visa a transportar o outro ao mesmo (tradere) – construindo, portanto, uma espécie de *transportador da diferença*. (HARTOG, 1999, p. 268). Como, inscrever o mundo que se conta no mundo em que se conta? Esse é o problema do narrador. Ele confronta-se com um problema de tradução (HARTOG, 1999, p. 229). Eu sou esse que olha e é olhado. Que ao percorrer o mundo e contá-lo procuro entender minha própria identidade. Ultrapassando a mim mesma, eu também sou este espelho através do qual outros tendem a ver o mundo.

“Venha, vamos nos olhar no espelho juntos”, disse. Fitei a imagem do espelho e, à luz hesitante da lamparina, tornei a ver o quanto éramos parecidos. Lembrei-me do espanto que sentira ao ver Hoja pela primeira vez, na ante-sala do paxá Sadik. Naquela ocasião, eu tinha visto o homem em que precisava me transformar: agora, pensava que ele se transformara num homem como eu. Nós dois éramos uma única pessoa! E isso me pareceu uma verdade evidente! [...] Num certo momento, ele disse que queria retomar tudo do ponto onde eu parara. Ainda estávamos seminus, lado a lado, diante do espelho. Ele tomaria meu lugar, e eu, o dele. Para tanto, bastaria trocarmos de roupa: [. . .] essa idéia tornou nossa semelhança no espelho ainda mais assustadora, e meu nervos crispavam-se quando o ouvi dizer que, com a troca, era eu que haveria de libertá-lo! [...]”³

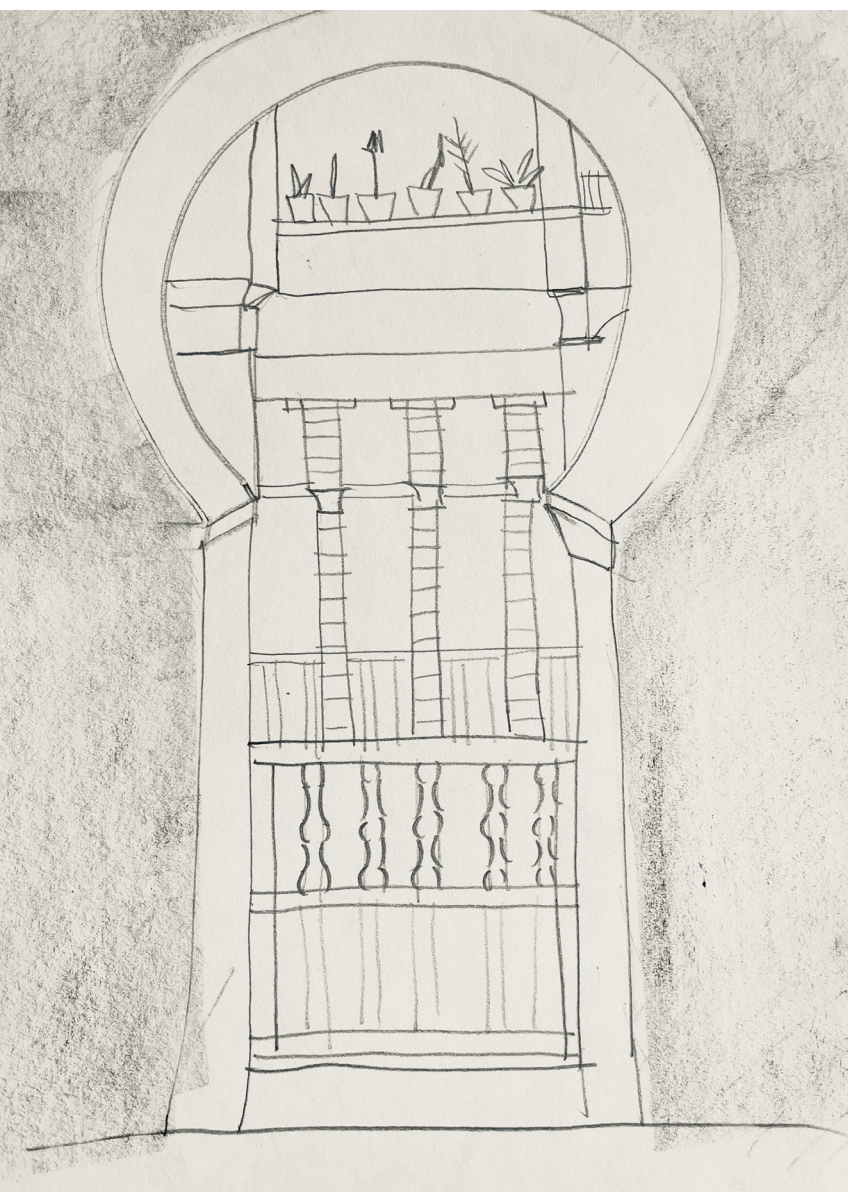


FIGURA 18.
DESENHO DA PORTA ABERTA DO ATELÊ
TASSAROUT VISTA POR DENTRO. GRAFITE
SOBRE PAPEL.
ALINA DUCHROW.

3 PAMUK, Othman. *O castelo branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 101

Referências Bibliográficas

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014

PAMUK, Othman. *O castelo branco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P. 101